

“El tiempo presente comeca a da razon a los crimenes y esto para todo tu pueblo es un traguado importante, por vuestra memoria. El olvido no existe... La verdades y la justicia son lo cual se lucha... y empieza solo ahora.”

“Hay momento en que se radiografiza el pasado y junto el presente. Esto es vuestro momento creo.”

Roberta Garieri

## **Adeus aos heróis**

*Por Ana Luisa Lima*

A história da humanidade, essa aprendemos a escrevê-la a partir dos grandes feitos personificados em uma única pessoa. As narrativas que transformaram o mundo, ainda que tenham existido sob derramamento do sangue de muitos inocentes, convergem para o aplauso e exaltação de uma só pessoa que figura como herói, livre de mancha, erro ou injustiça. Nossa história queda de maneira muito plácida e limpa em nossos livros, como se toda trajetória humana na Terra pudesse ser lida como uma fábula que traz apaziguamento para alma, porque apesar do enredo obscuro e cheio de tragédias nos deparamos sempre diante de um final feliz.

Era essa a sensação que eu tinha, quando criança aprendi sobre nosso “descobridor” que deixou Portugal à procura da Índia, uma terra de beleza na qual se poderia encontrar especiarias, num ato de coragem e desejo por aventura lançou-se ao Grande Mar e chegou ao Novo Mundo. Desde muito cedo, ensinaram-me a admirar Pedro Álvares Cabral como o fundador do Brasil. Em nenhum momento, foi-me permitido duvidar, senão sob a ameaça de me tornar uma má estudante: como poderia alguém “descobrir” um novo mundo que já era habitado por outras pessoas? Os índios já não moravam aqui? Foi assim que entre a ameaça e meu anseio por uma história que se assemelhasse melhor à verdade aprendi a conviver com essa fábula que me contavam, como história oficial, sobre o Brasil. Embora latejasse dentro de mim uma verdade inelutável:

seus primeiros habitantes foram assassinados impiedosamente em nome da construção de uma nação “civilizada”.

A história da humanidade contada sob o marco dos grandes feitos só faria sentido se de fato todas as invenções, sobretudo, tecnológicas, estivessem à disposição de todo e qualquer ser humano. Insistir no modo historicista-linear, de contar sobre os acontecimentos humanos, guarda em si mesmo um modelo de hierarquias que são como fraturas - se nos pensarmos como uma grande comunidade global. Porque tais hierarquias só podem existir se baseadas em preconceitos, ficções de superioridade de uma cultura sobre a outra. A história da humanidade estaria melhor representada se passássemos a contá-la como *A História da Violência*. Nessa história caberia melhor os diversos personagens, anônimos ou não, nas narrativas que construíram o mundo como o percebemos hoje. Sem heróis, seríamos capazes de compreender, sem disfarces, os impulsos humanos que anseiam pelo poder e que para desfrutá-lo são capazes de suplantar seus próprios pares.

\*

Jamais poderia supor que me seria tão difícil falar sobre a ditadura. Pelo fato de nunca a ter vivenciado na própria pele, acreditava estar a salvo de suas violências. Mas não. A ditadura mesmo depois de destituída como regime governamental permanece como uma sombra sobre todos, sem exceção. A sensação que tenho no momento é de alguém que sangra. Alguém que sente uma dor mas não sabe ao certo onde localizá-la e que por isso mesmo não sabe que medicina usar. Assim também são os sintomas da ditadura dentro do corpo de uma sociedade por muito tempo transtornada por suas violências. Viver sobre uma ditadura, inevitavelmente, nos leva a aprender a conviver com a cultura do medo, com a qual aprende-se a se desfazer pouco a pouco da capacidade de duvidar. A ditadura cultiva a apatia. É a instauração do completo estado de anestesia. E nesse sentido, esvai-se toda a possibilidade de saber-se humano em

sua inteireza. É assim que a ditadura sobrevive como sombra sobre um país que teve que aprender a existir como uma fantasmagoria de si mesmo.

Uma história de violência não é fácil de ser contada. Porque a partir dela não há a possibilidade de transparecer um lado sublime, honrado, digno. Tudo é vil, mesquinho, tacanho, motivo de vergonha. Seja para quem a impõe, seja quem dela é vítima. Não à toa, passados 30 anos após a queda do último governo militar no Brasil, ainda não somos capazes de falar abertamente sobre o assunto. São poucos os que conseguem conversar com certa tranquilidade sobre aqueles anos obscuros. A grande maioria dos brasileiros segue sem paz. Ou porque foram vítimas diretas de torturas e desaparecimentos de seus familiares. Ou porque foram autores ou cúmplices dessa engrenagem do terror que subjuguou o país por 21 anos. Ou ainda, quem escapa desse binômio segue calado por covardia ou perdeu o apreço pela verdade. Diante da violência não existe ética que possa balizar equilibradamente as intenções humanas. O medo acaba sendo o denominador comum de uma equação estúpida que torna tudo igual a zero no momento que tentamos descobrir a verdade por detrás das constantes históricas.

\*

“Filha, escuta essa música. Veja que bonita. Presta atenção na letra.” Era assim que meu pai replicava comigo seus momentos de professor da língua portuguesa num colégio católico quando era mais jovem. Eu ainda era um pouco mais do que uma criança quando aprendi a ouvir e apreciar a Música Popular Brasileira e a me apaixonar pela sintaxe complexa que há na nossa língua-mãe. Foi ouvindo música com meu pai que fui descobrindo fragmentos de um momento sombrio da história do país e de minha própria família. Foi ouvindo Gilberto Gil, Caetano Veloso, Ivan Lins, Milton Nascimento e tantos outros que aprendi a me encantar com a música e a poesia. Mas foi com Chico Buarque(1), Belchior(2), Geraldo Azevedo e Geraldo Vandré(3) que despertei minha alma para as histórias de um Brasil não tão heroico. Sob a melodia desses compositores, eu ia desvendando,

em suas letras, as fragilidades de um país que se debatia com sua própria história, uma realidade de certa tranquilidade que lhe escapava pelas mãos.

Mesmo hoje, eu sei pouca coisa do que aconteceu naquele momento de terror. Alguns fatos vão surgindo pouco a pouco nos momentos de melancolia do meu pai que até hoje segue ouvindo seus compositores favoritos aos domingos em sua varanda em Recife. Nunca entendi, por exemplo, como minha família teria sobrevivido. Será que sofreram alguma tortura? Me pergunto. Ao que tudo indica, a família de meu pai seria um alvo perfeito para a ditadura. A maioria dos irmãos, homens e mulheres, eram estudantes e em maior e menor grau engajados na luta pelos direitos humanos e o pensamento de esquerda. Meu pai dedicou sua juventude à música, à poesia e ao teatro. Militou junto ao movimento estudantil do Recife. Na época, ainda estudante de Direito, ele e seu irmão mais novo, hoje desembargador do estado de Pernambuco, eram alguns dos que ajudavam a libertar presos políticos com ajuda de advogados militantes e o arcebispo de Olinda e Recife Dom Hélder Câmara, mundialmente conhecido por sua resistência ao regime militar.

Tal assunto claramente se trata de uma cicatriz de pele ainda muito sensível que a qualquer momento volta a sangrar. Por isso é com muito cuidado que sigo tentando coletar fatos que me ofereçam melhores imagens e que me ajudem a compor esse imenso quebra-cabeças de um passado não tão distante e ainda sem possibilidade de ser algo claro e apaziguado em nossa memória.

\*

Com quase 9 anos trabalhando como crítica e pesquisadora em arte, tive a chance de reaprender a olhar a história brasileira com um pouco mais de abertura. Ainda incapaz de remontar nossa história porque a verdade, ainda, continua velada sob forma das tantas fábulas contadas pela ditadura. O excesso de propagandas do regime autoritário aliado um discurso de segurança familiar e avanço econômico do país por muitos anos veiculadas na época, o silêncio em torno das torturas e desaparecimentos, e o sistema educacional arruinado ainda

reverberam como uma fumaça negra que impede ter uma relação honesta com os acontecimentos daquele momento.

Além disso, é preciso ponderar que especialmente esse pedaço de história do país não é possível ser contado a partir de heróis. Porque mesmo esses que perderam suas vidas com a convicção de que serviam a um fim mais nobre carregaram consigo também algum sangue inocente. Contraditoriamente, dentro do movimento de esquerda, a violência encontrava lugar não só contra “inimigos da ditadura” mas também juízos sumários aplicados com morte ceifaram a vida de muitos camaradas de acordo com seus graus de comprometimento com o que se achava ser o puro pensamento de esquerda.

É provável que ainda não seja essa geração, mas a próxima, que consiga estabelecer parâmetros que permitam uma análise crítica real de todos os acontecimentos do governo militar que, sem menor sombra de dúvida, enegreceu nossa história e nos abdicou de uma vida política saudável. Os primeiros passos começam a ser dados com os documentos entregues no final do ano passado pela Comissão da Verdade, instituída, no governo Dilma, há dois anos atrás. Outros passos a serem dados são a análise crítica da produção artística daquele momento que não só resistiam ao autoritarismo governamental como também revelavam nuances de uma sociedade frágil.

Penso que a arte, sobretudo em momentos sombrios como o de uma ditadura, carrega uma potência de armazenamento de conhecimentos capazes de clarificar situações históricas que insistem em criar suas fábulas heroicas para justificar seus derramamentos de sangue (seja de um lado ou de outro). Ainda que pressionada por discursos hegemônicos, a arte parece, em algumas situações, escapar dessas armadilhas na reinvenção de sua forma salvaguardando o conteúdo para gerações vindouras. Ainda que esses conteúdos sejam uma denúncia clara de que a humanidade não vai nada bem.

\*

(1)Vai passar, composição de Chico Buarque e Francis Hime

Vai passar  
Nessa avenida um samba  
popular  
Cada paralelepípedo  
Da velha cidade  
Essa noite vai  
Se arrepiar  
Ao lembrar  
Que aqui passaram  
sambas imortais  
Que aqui sangraram pelos  
nossos pés  
Que aqui sambaram  
nossos ancestrais

Num tempo  
Página infeliz da nossa  
história  
Passagem desbotada na  
memória  
Das nossas novas  
gerações  
Dormia  
A nossa pátria mãe tão  
distráida  
Sem perceber que era  
subtraída  
Em tenebrosas  
transações

Seus filhos  
Erravam cegos pelo  
continente  
Levavam pedras feito  
penitentes  
Erguendo estranhas  
catedrais  
E um dia, afinal  
Tinham direito a uma  
alegria fugaz  
Uma ofegante epidemia  
Que se chamava carnaval

O carnaval, o carnaval  
(Vai passar)

Palmas pra ala dos  
barões famintos  
O bloco dos napoleões  
retintos  
E os pigmeus do bulevar  
Meu Deus, vem olhar  
Vem ver de perto uma  
cidade a cantar  
A evolução da liberdade  
Até o dia clarear

Ai, que vida boa, olerê  
Ai, que vida boa, olará  
O estandarte do sanatório  
geral vai passar  
Ai, que vida boa, olerê  
Ai, que vida boa, olará  
O estandarte do sanatório  
geral  
Vai passar

Link: <http://www.vagalume.com.br/chico-buarque/vai-passar.html#ixzz3OS96FrYD>

## (2) Alucinação, composição de Belchior:

Eu não estou interessado em nenhuma teoria,  
Em nenhuma fantasia, nem no algo mais  
Nem em tinta pro meu rosto ou oba oba, ou melodia  
Para acompanhar bocejos, sonhos matinais  
Eu não estou interessado em nenhuma teoria,  
Nem nessas coisas do oriente, romances astrais  
A minha alucinação é suportar o dia-a-dia,  
E meu delírio é a experiência com coisas reais  
Um preto, um pobre, um estudante, uma mulher sozinha  
Blue jeans e motocicletas, pessoas cinzas normais  
Garotas dentro da noite, revólver: cheira cachorro  
Os humilhados do parque com os seus jornais  
Carneiros, mesa, trabalho, meu corpo que cai do oitavo andar  
E a solidão das pessoas dessas capitais  
A violência da noite, o movimento do tráfego  
Um rapaz delicado e alegre que canta e requebra, é demais  
Cravos, espinhas no rosto, Rock, Hot Dog, "play it cool, Baby"  
Doze Jovens Coloridos, dois Policiais  
Cumprindo o seu (maldito) duro dever e defendendo o seu amor e nossa vida  
Cumprindo o seu (maldito) duro dever e defendendo o seu amor e nossa vida  
Mas eu não estou interessado em nenhuma teoria, em nenhuma fantasia, nem no algo mais  
Longe o profeta do terror que a laranja mecânica anuncia  
Amar e mudar as coisas me interessa mais  
Amar e mudar as coisas, amar e mudar as coisas me interessa mais

Um preto, um pobre, um estudante, uma mulher sozinha  
Blue jeans e motocicletas, pessoas cinzas normais  
Garotas dentro da noite, revólver: cheira cachorro  
Os humilhados do parque com os seus jornais  
Carneiros, mesa, trabalho, meu corpo que cai do oitavo andar  
E a solidão das pessoas dessas capitais  
A violência da noite, o movimento do tráfego  
Um rapaz delicado e alegre que canta e requebra, é demais  
Cravos, espinhas no rosto, Rock, Hot Dog, "play it cool, Baby"  
Doze Jovens Coloridos, dois Policiais  
Cumprindo o seu (maldito)duro dever e defendendo o seu amor e nossa vida  
Cumprindo o seu (maldito)duro dever e defendendo o seu amor e nossa vida  
Mas eu não estou interessado em nenhuma teoria,  
Em nenhuma fantasia, nem no algo mais  
Longe o profeta do terror que a laranja mecânica anuncia  
Amar e mudar as coisas me interessa mais  
Amar e mudar as coisas, amar e mudar as coisas me interessa mais

Link: <http://www.vagalume.com.br/belchior/alucinacao.html#ixzz3OS9n87Up>

(3)Canção da Despedida, composição de Geraldo Azevedo e Geraldo Vandré.

já vou embora, mas sei que vou voltar  
Amor não chora, se eu volto é pra ficar  
Amor não chora, que a hora é de deixar  
O amor de agora, pra sempre ele ficar  
Eu quis ficar aqui, mas não podia  
O meu caminho a ti, não conduzia  
Um rei mal coroado,  
Não queria  
O amor em seu reinado  
Pois sabia  
Não ia ser amado  
Amor não chora, eu volto um dia  
O rei velho e cansado já morria  
Perdido em seu reinado  
Sem Maria  
Quando eu me despedia  
No meu canto lhe dizia

Link: <http://www.vagalume.com.br/geraldo-vandre/cancao-da-despedida.html#ixzz3OS6PTMuR>

**\_o texto faz parte da dissertação de mestrado da pesquisadora italiana Roberta Garieri, Título: *Il Sud. Identità/Differenza*, NABA (Nuova Accademia di Belle Arti – Milano) em "Conversazioni" página 110 a 114, 2015.**